

Introdução à Análise posicional

Marc Jacquinet

Recurso Educativo (uc 61068 e uc 23002) - 2019

A análise posicional pode ser considerada como alternativa à análise custo-benefício.

Numa perspectiva de ciência da sustentabilidade (sustainability science; Dedeurwaerdere 2014) e de uma educação para a economia circular (Kopnina 2018) vale a pena aprofundar uma alternativa à análise custo-benefício. A oposição entre análise custo-benefício e análise posicional é paralela à da economia do ambiente e a economia ecológica ou da sustentabilidade. A análise custo-benefício é de matriz neoclássica e considera o problema ambiental como um qualquer em que se possa aplicar a análise microeconómica independentemente do contexto. A análise posicional, desenvolvida por Peter Soderbaum (1982, 1987, 1990 e Brown, Soderbaum e Dereniowska 2017), tem uma origem semelhante à economia ecológica, nomeadamente na teoria dos sistemas e na ecologia.

Interessa aqui apenas tocar os elementos fundamentais. Em primeiro lugar, a análise posicional baseia-se numa abordagem sistémica, a da teoria dos sistemas. Deste traço, decorre um estudo dos impactos de uma decisão em termos de sistema em que vários elementos estão interligados. Não basta considerar o valor final do custo ou benefício, mas como se chegou a este valor, e quais são os elementos críticos.

Em segundo lugar, é uma abordagem institucionalista ou de economia institucional em que toma em conta o contexto, nomeadamente das instituições, do sistema político, dos valores culturais, etc. Aproxima-se da perspectiva da sociologia económica que considera os mercados e as decisões económicas racionais como sendo influenciada pelo seu contexto, nomeadamente as instituições como o sistema jurídico, que podem determinar alguns parâmetros de uma decisão de investimento por exemplo. Esta perspectiva da sociologia económica é a da “inserção” dos mercados nas sociedades (embeddedness) em que se encontram.

Em termos genéricos, podemos referir a este elemento como o da essencialidade do contexto numa análise económica do impacto ambiental e nos ecossistemas.

Em terceiro lugar, qualquer cientista analisa um problema a partir de uma perspetiva e nomeadamente a partir de certos interesses. É importante ter em mente que alguns estudos de análise custo-benefício, apesar de dar uma resposta quantitativa, podem refletir os interesses de uns indivíduos ou grupos de pessoas ou organizações. Entra aqui o papel dos valores e dos interesses e a questão da neutralidade difícil. De facto, os estudos abordam um problema ambiental sempre desde uma certa perspetiva. Ela deve ser a mais objetiva e fundamentada possível, mas sem nunca evitar escolhas em termos de abordagens e hipóteses.

A análise posicional pode mas nem sempre integra valores monetários. É sempre possível, por exemplo, considerar dados quantitativos, como o do impacto em ecossistemas (em termos de diversidade, populações afetadas, etc.) sem reduzir a análise a um valor monetário.

Referências

- Dedeurwaerdere, T. (2014). *Sustainability science for strong sustainability*. Edward Elgar Publishing.
- Kopnina, H. (2017). Teaching Circular Economy: Overcoming the Challenge of Green-washing. *Handbook of Engaged Sustainability*, 1-25.
- Kopnina, H. (2018) Circular economy and Cradle to Cradle in educational practice, *Journal of Integrative Environmental Sciences*, 15:1, 123-138, DOI:10.1080/1943815X.2018.1471724
- Söderbaum (1982) Positional Analysis and Public Decision Making, *Journal of Economic Issues*, 16:2, 391-400, DOI: 10.1080/00213624.1982.11503996
- Söderbaum, P. (1987). Environmental management: a non-traditional approach. *Journal of Economic Issues*, 21(1), 139-165.
- Söderbaum, P. (1990). Neoclassical and institutional approaches to environmental economics. *Journal of Economic Issues*, 24(2), 481-492.

Peter Söderbaum (1993) Values, Markets, and Environmental Policy: An Actor-Network Approach, *Journal of Economic Issues*, 27:2, 387-408, DOI: 10.1080/00213624.1993.11505423

Soderbaum, P. (2012). *Understanding sustainability economics: towards pluralism in economics*. Routledge.

Söderbaum, P. (2015). Varieties of ecological economics: Do we need a more open and radical version of ecological economics?. *Ecological Economics*, 119, 420-423.